

A CONSTRUÇÃO DE *MACUNAÍMA*: DOS RELATOS INDÍGENAS COLHIDOS POR THEODOR KOCH-GRÜNBERG ÀS PÁGINAS DE MÁRIO DE ANDRADE¹

(THE CONSTRUCTION OF *MACUNAÍMA*: FROM INDIGENOUS STORIES COLLECTED BY THEODOR KOCH-GRÜNBERG TO THE MÁRIO DE ANDRADE'S PAGES)

Agnaldo Stein da Silva²
agnaldo_stein@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho discute o processo de construção da obra *Macunaíma*, do autor brasileiro Mário de Andrade, a partir de sua fonte principal. *Vom Roroima zum Orinoco (Do Roraima ao Orinoco)* é uma coletânea de cinco volumes escrita pelo etnógrafo e explorador alemão Theodor Koch-Grünberg, que relata sua viagem no norte do Brasil e na Venezuela entre 1911 e 1913. As histórias sobre Makunaima encontram-se no segundo volume da coletânea, *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer (Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuna)*, contadas ao autor pelos indígenas Akúli, do povo Arekuná, e Mayuluaípu, do povo Taulipang.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade. Theodor Koch-Grünberg. Literatura Brasileira.

ABSTRACT

This study discusses the construction process of the work *Macunaíma*, written by the Brazilian author Mário de Andrade, from its main source. *Vom Roroima zum Orinoco (From Roraima to the Orinoco)* is a five-volume collection written by the German ethnographer and explorer Theodor Koch-Grünberg, who reports his journey in northern Brazil and Venezuela between 1911 and 1913. Makunaima's stories are in the second volume of the collection, *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer (Myths and legends of the Taulipang and Arekuna Indians)*, told to the author by Akúli, indigenous of the Arekuná people, and Mayuluaípu, indigenous of the Taulipang people.

KEYWORDS: Mário de Andrade. Theodor Koch-Grünberg. Brazilian Literature.

1 APRESENTAÇÃO

¹ Trabalho realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, na linha de pesquisa Textualidades Híbridas, com orientação do Professor Doutor Paulo Ricardo Berton.

A contribuição de Mário de Andrade como escritor à literatura brasileira, bem como seu engajamento na Semana de Arte Moderna em 1922 e seu trabalho como diretor-fundador do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, tornaram este polímata uma grande referência nacional. *Macunaíma*, livro de sua autoria que foi primeiramente publicado em 1928, é considerado uma de suas obras-primas, inclusive com notória relevância ao movimento modernista.

Para o crítico brasileiro Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (2008), *Macunaíma* é “a obra central e mais característica do movimento”, cuja estética trouxe a arte primitiva, o folclore e a etnografia, compendiando alegremente elementos arcaicos e populares que eram comprimidos pelo academicismo, como “lendas de índios, ditados populares, obscenidades, estereótipos desenvolvidos na sátira popular” (CANDIDO, 2008, p. 127-128).

O crítico e historiador literário Alfredo Bosi, na obra *História Concisa da Literatura Brasileira* (2010), corrobora a concepção de Candido ao afirmar que a dimensão da pesquisa folclórica foi uma das opções mais fecundas da literatura brasileira neste período, e que "Mário de Andrade foi um folclorista adulto, capaz de sondar a mensagem e os meios expressivos de nossa arte primitiva nas áreas mais diversas (música, dança, medicina)" (BOSI, 2010, p. 395).

O presente artigo discute o processo de construção desta grande obra a partir de sua fonte principal, *Vom Roroima zum Orinoco (Do Roraima ao Orinoco)*, coletânea de cinco volumes do etnógrafo e explorador alemão Theodor Koch-Grünberg, que relata sua viagem no norte do Brasil e na Venezuela entre 1911 e 1913. As histórias sobre Makunaima encontram-se no segundo volume da coletânea, *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer (Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuna)*, tendo como informantes os indígenas Akúli, do povo Arekuná, e Mayuluaípu, do povo Taulipang.

Para realizarmos esta jornada, começamos apresentando aspectos envolvendo a terceira e principal viagem do etnógrafo alemão Theodor Koch-Grünberg à região amazônica, cujos relatos deram origem à coletânea citada logo acima. Posteriormente, verificaremos o efeito que a leitura feita por Mário de Andrade desta coletânea provocou na construção da tão conhecida obra modernista, publicada em 1928. Por último, traçamos alguns pontos que se destacam em ambas as obras, principalmente em relação às características da personagem principal e à presença da tradição oral nas narrativas, estas que compõem o vasto arsenal da arte brasileira.

2 A VIAGEM DE THEODOR KOCH-GRÜNBERG

Para conhecer melhor sobre a fonte principal da obra de Mário de Andrade, inicialmente retornamos ao século XIX. Segundo Mêrivania Rocha Barreto, em sua Dissertação de Mestrado *Makunaima/Macunaíma: Theodor Koch-Grünberg e Mário de Andrade, entre fatos e ficções* (2014), esta época foi o apogeu de expedições naturalistas na Amazônia, muitas delas realizadas por alemães. A corrente antropológica denominada *Völkerkunde* (de *Völker*: povos e *Kunde*: conhecimento) estava em voga e a etnografia se consolidava enquanto ciência, buscando principalmente a compreensão da natureza do homem e também de sua cultura por meio da comparação entre diferentes povos. Surgiam museus na Alemanha que desejavam novos objetos etnográficos de diversos lugares, e começavam a incentivar expedições de etnólogos alemães à Amazônia, lugar ainda pouco explorado, visto que os antropólogos franceses e ingleses haviam focado seus estudos na África, na Ásia e na Oceania. Os povos nativos da América do Sul mostravam-se como um El Dourado para os interesses dos etnógrafos alemães, e Koch-Grünberg empreendeu o projeto de adentrar essas terras e pesquisar sobre esses povos.

Christian Theodor Koch nasceu em 1872 na pequena cidade alemã de Grünberg, cuja denominação ele mais tarde acrescentaria ao próprio nome. Como aponta Erwin H. Frank em *Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX* (2005), Koch-Grünberg foi um talentoso etnógrafo, reconhecido principalmente por “sua rara capacidade de imaginar, organizar e levar a cabo viagens de pesquisa (de ordenar uma coleção etnográfica) e de resumir os resultados dessas viagens em textos (monografias e/ou ensaios)” (ERWIN, 2005, p. 562-563). Mesmo tendo à princípio se formado em filologia e trabalhado como professor do ensino médio, sua inclinação à etnografia o levou a dedicar-se ao ofício, resultando em uma relevante contribuição com estudos sobre os povos indígenas da América do Sul. Ademais, atuou como professor de excelência na Universidade de Friburgo, na Brisgóvia, e também diretor do Museu de Linden, em Stuttgart.

Das quatro viagens que realizou à região amazônica, a principal foi a terceira, cujas anotações e registros deram origem à *Vom Roroima zum Orinoco (Do Roraima ao Orinoco)*, coletânea de cinco volumes com relatos de sua viagem no norte do Brasil e na Venezuela de 1911 a 1913. Destes volumes, temos a tradução em português apenas dos dois primeiros. A

expedição foi patrocinada pelo *Baessler-Institut* de Berlim, que tinha a finalidade de enriquecer sua coleção de materiais indígenas e publicar os resultados da pesquisa, que abrangeu a região Circum-Roraima. "Theodor Koch-Grünberg inovou o campo etnológico, pois foi um dos primeiros a fazer gravações a respeito das danças e músicas indígenas, além de ter sido um experiente fotógrafo" (BARRETO, 2014, p. 20). Somam-se a isto os objetos etnográficos por ele colhidos e todos os seus escritos a respeito desta e de outras expedições.

As informações registradas em *Vom Roroima zum Orinoco (Do Roraima ao Orinoco)*, como diz o autor, eram "anotadas aleatoriamente, sobre impressão imediata, no calor da hora e no lugar dos acontecimentos" (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 27). Como já foi apontado, as histórias que inspiraram a construção da obra de Mário de Andrade encontram-se no segundo volume da coletânea de Koch-Grünberg, *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer (Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuna)*, tendo como informantes os indígenas Akúli, do povo Arekuná, e Mayuluaípu, do povo Taulipang. Sobre a compreensão das histórias por Koch-Grünberg, Barreto (2014, p. 56) nos informa que o indígena Akuli, diferentemente de Mayuluaípu, não entendia o português, contando-as inteiramente em língua Arekuná. Apesar de não saber muito bem o português, o etnógrafo, com o auxílio de Mayuluaípu, traduzia estas histórias para o português, palavra por palavra. Somente após este processo é que Koch-Grünberg as traduzia para o alemão. Assim descreve Koch-Grünberg, apontando inclusive o indígena Mayuluaípu, também conhecido como José:

José está sempre à minha disposição. [...] todo dia dita pra mim textos Taulipáng, contos e fórmulas mágicas, e nós os traduzimos juntos, palavra por palavra, para o português. Assim, aprofundo-me mais e mais nessa língua rica e, com trabalho fatigante, obtenho um material valioso. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p.173-174).

Como afirma o autor, estas histórias geralmente eram contadas de modo aleatório e quando eles estavam agachados junto ao fogo. Posteriormente, o etnógrafo as organizou no livro de forma que as narrativas em que aparecessem Makunaima viessem primeiro. O segundo volume é composto de cinquenta narrativas, com a presença de Makunaima em doze delas. Inclusive, as histórias que envolvem esta personagem são as mais respeitadas entre os povos indígenas da América do Sul (BARRETO, 2014, p. 25).

3 MÁRIO DE ANDRADE LÊ KOCH-GRÜNBERG

Talvez não imaginasse Koch-Grünberg que a publicação de seu livro inspirasse tanto um de seus leitores, ninguém menos que Mário de Andrade, a ponto deste leitor vir a escrever uma obra literária que se tornaria tão emblemática. Em carta a Alceu de Amoroso Lima, de 19 de maio de 1928, assim diz Mário de Andrade sobre sua motivação para escrever o livro:

Resolvi escrever porque fiquei desesperado de comoção lírica quando lendo o Koch-Grünberg percebi que Macunaíma era um herói sem nenhum caráter nem moral nem psicológico, achei isso enormemente comovente nem sei porque, de certo pelo ineditismo do fato, ou por concordar um bocado com a época nossa, não sei.... (ANDRADE, 1973, p. 31).

Tendo lido o livro de Koch-Grünberg em alemão, Mário de Andrade foi pontuando às margens do segundo volume da coletânea o que lhe chamava atenção, já formando uma espécie de guia para a que viria a ser um *magnum opus* de seu legado. A primeira versão de *Macunaíma* foi escrita em apenas seis dias, enquanto o autor estava de férias na fazenda de um tio em Araraquara, no interior de São Paulo, em dezembro de 1926. No ano seguinte, o autor se dedicou a fazer ajustes e publicou sua obra em 1928. Vale ressaltar que no ano em que revisava a obra, Mário de Andrade fez uma expedição ao norte do Brasil. Como diz em carta datada de 26 de junho de 1925, ao amigo e grande estudioso da cultura brasileira Luís da Câmara Cascudo, o autor sentia verdadeira “fome” de conhecer o Brasil por inteiro, conhecer os outros “brasis” dentro do próprio Brasil, formado por tanta diversidade cultural, cuja falta lhe acarretava a sensação de lhe faltarem pedaços de si próprio:

Ah! si eu pudesse nem carecia você me convidar, já faz muito que tinha ido por essas bandas do norte visitar vocês e o norte. Por enquanto é uma pressa tal de sentimentos em mim que não espero e nem seleciono. Queria ver tudo, coisas e homens bons e ruins, excepcionais e vulgares. Queria ver, sentir, cheirar. Amar já amo. Porém você compreende, Luís, este Brasil monstruoso, tão esfacelado, tão diferente, sem nada nem sequer uma língua que ligue tudo, como é que a gente o pode sentir integrado caracterizado, realisticamente? Fisicamente? (ANDRADE, 1991, p. 35).

De acordo com Barreto (2014), a expedição ao norte em 1927, que abrangeu os estados brasileiros de Amazonas, Pará e Rondônia, contribuiu para a redação final de *Macunaíma*. O grupo de viajantes era formado por Mário de Andrade, D. Olívia Guedes Penteadó, que foi uma das grandes patrocinadoras do Modernismo, e também por sua sobrinha Margarida Guedes Nogueira e por Dulce Amaral Pinto, filha de Tarsila do Amaral. A viagem

foi realizada de 7 de maio a 15 de agosto de 1927 e ainda se estendeu ao Peru e à fronteira com a Bolívia. Durante a viagem, Mário de Andrade anotava as impressões que tinha dos lugares onde passava e das pessoas que conhecia. Estas impressões não apenas lhe serviram como material para a composição de *Macunaíma* mas também estão registradas em um diário de viagem que o autor intencionava publicar, o que só postumamente aconteceu, o denominado *O Turista Aprendiz*, composto por registros desta e de outras viagens do autor.

Além das anotações desta expedição ao norte, das histórias colhidas por Koch-Grünberg (e não somente às que continham a personagem Makunaima), podemos citar, entre outras fontes que o auxiliaram na composição da obra, *Língua dos Caxinauás* de Capistrano de Abreu, *O Selvagem* de Couto de Magalhães, *Ao Som da Viola* de Gustavo Barroso, *Folclore* de Basílio de Magalhães e *Contos Populares* de Sílvio Romero. Misturando cantigas, provérbios, contos, lendas e outros elementos da tradição popular, o autor foi costurando sua trama. Em outra carta endereçada a Luís da Câmara Cascudo, o autor chega a afirmar:

O livro quase que não tem nenhum caráter inventado por mim, tudo são lendas que relato. Só uma descrição de macumba carioca, uma carta escrita por Macunaíma e uns dois ou três passos do livro são de invenção minha, o resto tudo são lendas relatadas tais como são ou adaptadas ao momento do livro com pequenos desvios de intenção [...] um dos meus cuidados foi tirar a geografia do livro. Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que intentei me abrigar e trabalhar o material brasileiro. (ANDRADE, 1991, p. 75).

Surgiu assim a tão conhecida obra, dividida em dezessete capítulos e um epílogo. Além de retomar o folclore brasileiro, na concepção de Bosi (2010), Mário de Andrade o fez misturando estilos narrativos:

Passando abruptamente do primitivo solene à crônica jocosa e desta ao distanciamento da paródia, Mário de Andrade jogou sabiamente com níveis de consciência e de comunicação diversos, justificando plenamente o título de rapsódia, mais do que "romance" que emprestou à obra. (BOSI, 2010, p. 397).

Bosi situa a narrativa entre uma epopeia e uma novela picaresca, e que trouxe ainda outra questão muito forte do Modernismo, referente à forma de expressão da língua. Segundo Bosi, o autor de *Macunaíma*, centrado no problema de um ensino gramatical lusíada concomitante a uma práxis linguística com influências indígenas, africanas e também advindas do convívio com os imigrantes europeus, procurou transpor uma linguagem para o registro artístico com a prosódia, o ritmo, o léxico e a sintaxe coloquial. Nas próprias palavras de

Andrade em *O Movimento Modernista*, registro da conferência lida no Salão de Conferências do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (1942): “O espírito modernista reconheceu que si vivíamos já de nossa realidade brasileira, carecia reverificar nosso instrumento de trabalho para que nos expressássemos com identidade” (ANDRADE, 1942, p. 51). Mergulhada nesta ideia foi escrita esta obra, tão característica deste movimento que, de acordo com o próprio Mário de Andrade (1942), manifestou-se especialmente pela arte mas afetando violentamente os costumes sociais e políticos, caracterizado por ser “o pronunciador, preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional” (ANDRADE, 1942, p. 13).

4 AS TRANSFORMAÇÕES DE UM HERÓI

Segundo Koch-Grünberg (2002, p. 34), nas histórias em que aparecem Makunaima e seus irmãos, é o primeiro sempre o mais poderoso. O nome da personagem vem da junção entre *Maku*: mau e *Ima*: grande, significando assim “O Grande Mau”, o que pode condizer com seu caráter intrigante e funesto. Quando Koch-Grünberg caracteriza a personagem em alemão, utiliza a palavra *verschlagener*, cuja tradução seria “tortuoso”, mas em nota de rodapé esclarece que o termo usado por Mayuluaípu para descrevê-lo é “safado”. Como todos os heróis tribais, é Makunaima um grande transformador, tornando pessoas e animais em pedras e também criando seres, como descreve a primeira lenda transcrita pelo autor, em que o semideus cria novos homens após o incêndio universal que devastou a humanidade.

Essas características também aparecem na personagem da obra de Mário de Andrade. Rompendo com a figura clássica do herói idealizado, que age em nome de causas nobres e respondendo por uma coletividade, o “herói da nossa gente” se comporta muitas vezes apenas por interesse próprio, servindo-se de variadas artimanhas para conseguir o que almeja. Bosi (2010) destaca um ponto que dialoga com o que apontou Koch-Grünberg, ou seja, que o protagonista sofre uma série de transformações, seguindo a lógica do pensamento selvagem, na qual “tudo vira tudo”. O protagonista, uma espécie de barro vital cujo prazer e a dor vão orientando os caminhos, vira a constelação da Ursa Maior, assim como sua amada Ci também vira estrela. A personagem principal, ao ser colocada na metrópole nova, na “cidade macota de São Paulo esparramada a beira-rio do igarapé Tietê” (ANDRADE, 2016, p. 43), funde ainda

instinto e asfalto, mescla o primitivismo e o modernismo. Bosi concorda que a figura do herói sem nenhum caráter foi trabalhada no sentido de esculpir um “modo de ser brasileiro”, com características como luxurioso, ávido, preguiçoso e sonhador, como apontou o teórico Paulo Prado em *Retratos do Brasil* (1926).

Lendo as histórias colhidas por Koch-Grünberg, percebemos vários episódios que aparecem na obra de Mário de Andrade, como as relações de Macunaíma com a cunhada quando pequeno e as perseguições de Piaimã, sempre resultantes de atitudes irresponsáveis do herói e das quais sempre escapa. Como vimos, Mário de Andrade foi buscando estas e outras histórias, misturando-as e construindo deste modo sua obra. Vale ressaltar, como bem salienta Barreto (2014), que as mudanças já fazem parte da própria tradição oral, pois cada contador enfatiza certos elementos da narrativa e naturalmente provoca alterações. O fato já se observa nos registros de Koch-Grünberg, em que a mesma história é contada pelos dois indígenas em versões diferentes, e que o etnógrafo alemão fez questão de inserir ambas as versões no livro. Walter Benjamin, em seu conhecido ensaio *O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*, primeiramente publicado em 1936, afirma que "se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso" (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Sempre que ia narrar uma história, Mayuluaípu dizia: “Esta história foi meu pai que me contou, e ele sabe muito mais ainda” (KOCH-GRÜNBERG *apud* BARRETO, 2014, p. 57-58). É parte da tradição da contação de histórias, que tem como referência os mais velhos, estes que conhecem o mundo há mais tempo e sabiamente transmitem com suas experiências as narrativas aos mais novos. As histórias que são ouvidas vão passando de geração em geração, formando uma grande teia que perdura no tempo e que não deve terminar nunca.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Carta a Alceu de Amoroso Lima, 19 maio 1928. In: FERNANDES, Lygia (Org.). **71 cartas de Mário de Andrade**. Porto Alegre/RS: São José, 1973. p. 31

_____. **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Villa Rica, 1991.

_____. **Macunaíma - o herói sem nenhum caráter**. Ilustrações de Mariana Zanette. Posfácio e notas de Noemi Jaffe. São Paulo: FTD, 2016.

_____. **O Movimento Modernista:** Conferência lida no Salão de Conferências na Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no dia 30 de abril de 1942. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

BARRETO, Mêrivania Rocha. **Makunaima/Macunaíma, Theodor Koch-Grünberg e Mário de Andrade, entre fatos e ficções.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança, 2014.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BOSI, Alfredo. Pré-Modernismo e Modernismo. In: _____. **História Concisa da Literatura Brasileira.** 45 ed. São Paulo: Cultrix, 2010. p. 336-399

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. **Literatura e Sociedade.** 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008. p. 117-146

FRANK, Erwin H. Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a *Volkerkunde* alemã do século XIX. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 48, n. 2, p. 559-584, 2005.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Mitos e lendas dos índios Taulipangue e Arekuná. Trad, de Henrique Roenick e revisão de M. Cavalcante Proença. In: MEDEIROS, Sérgio (Org.), **Makunaíma e Jurupari, cosmogonias ameríndias.** São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 59-269.dd

_____. Do Roraima ao Orinoco: (Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913). Tradução Cristina Alberts-Franco. São Paulo: UNESP, 2006. v. 1.